

# UTOPIA LUCIDA E EDUCAÇÃO: as implicações do sistema vigente

ROSA, Tairine de Oliveira<sup>1</sup>

SILVA, Alex Amaral da<sup>2</sup>

SILVEIRA, Sabrina Senra da<sup>3</sup>

## Resumo:

O objetivo do presente artigo é refletir de maneira crítica, as possibilidades de construirmos uma sociedade educacional que esteja voltada para a transformação, e como as implicações do sistema vigente geram em um retrocesso da humanidade; abordaremos também como ele reflete em nossas escolas.

Trataremos também da utopia como elemento inerente à prática pedagógica, pois esta possibilita a concretização dos *sonhos possíveis* e vice-versa.

Buscaremos então desvelar as intencionalidades de nossa sociedade para que possamos permear as nossas.

**Palavras-chave:** Utopia. Educação. Transformação. Sociedade capitalista.

Apropriar-se do sentido genuíno da educação utópica demanda demasiado cuidado, pois tal conceito pode ter sentido ambíguo devido o surgimento da etimologia da palavra utopia.

Sendo assim, Ana Lúcia Souza de Freitas esclarece-nos que:

Compreender a temática da utopia na obra de Freire requer discernir os diferentes entendimentos do termo, considerando sua origem e atualidade. A visão de utopia como algo irrealizável diz respeito à origem do termo, publicado pela primeira vez em 1516 [...]. O substantivo grego topos-lugar associa-se ao advérbio grego ou- não- para indicar um lugar que não existe. O conceito de utopia alargou seu sentido especialmente no século XX [...] Ernest Bloch relaciona o conceito de utopia com a noção de esperança crítica. Apresentando o conceito de utopia concreta em oposição ao conceito de utopia abstrata [...] a utopia não constitui um topos idealizado ou projetado, mas é, em primeiro lugar, um topos da atividade humana

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. email: [tairineolir@gmail.com](mailto:tairineolir@gmail.com)

<sup>2</sup> Licenciado em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS. email: [alexamaral93@hotmail.com](mailto:alexamaral93@hotmail.com)

<sup>3</sup> Licenciada em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul-PUCRS e Professora da Rede Estadual do Rio Grande do Sul e da Rede Municipal de Viamão-RS. email: [sabrina.silveira@acad.pucrs.br](mailto:sabrina.silveira@acad.pucrs.br)

orientada para um futuro; um topos da consciência antecipadora e a força ativa dos sonhos diurnos ( 2008, p.412-413).

Desse modo, poder-se-ia dizer que a utopia educacional está centrada no constante movimento de ação planejada, tais atribuições em relação à educação não se vinculam à inércia, mas na constante luta do que pode vir a ser.

No âmbito desta perspectiva, se faz necessário compreender todas as falhas, rupturas e todo o sistema indecoroso de nossa sociedade, para que a luta possa resultar em avanços.

Até hoje, a história de toda sociedade é a história das lutas de classes. Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor e servo, mestre de corporação e aprendiz em suma, opressores e oprimidos sempre tiveram em oposição, travando luta ininterrupta, ora velada, ora aberta (MARX; ENGELS, 2012, p. 44).

Importa enfatizar que, é necessário saber as razões de nossas discordâncias em relação ao sistema vigente, porque é inegável perceber que somos constantemente manipulados no nosso cotidiano, logo se faz necessário organizar e direcionar as ações de nossas lutas, o sistema do qual não concordamos é impecavelmente organizado, via de regra nossas ações também devem ser “ o educador necessita ser educado” (MARX, in FREIRE, 1986, p. 138).

A partir desta reflexão crítica podemos ter mais lucidez, mais compreensão da realidade, para termos uma prática voltada para a transformação possível, embora esta seja muito difícil de ser construída, pois a prática voltada para a luta dos *sonhos possíveis* se faz no movimento, de ação e reflexão, sendo assim nosso imaginário necessita ser modificado; a educação suleada pela utopia busca concretizar a transformação a partir do mundo real sem devaneios.

A consciência da realidade permite-nos endereçar nossas utopias para educação, pois se somos seres individuais que compreendemos as verdadeiras especificidades do ato de ensinar, poderemos então sonhar com que esta seja melhor do que tem sido, e só poderá ser melhor a partir de nossa ação enquanto ser existencial dentro e fora da escola à tomada de decisão da vida possibilita que possamos fazer da educação a opção de transformar.

Essa perspectiva de educação requer constante busca na humanização; politização e conscientização de mulheres e homens seria uma atitude totalmente insipiente esperar apenas da educação mudanças radicais que viabilizem drásticas mudanças na sociedade, pois tal movimento se faz em consonância com todos os demais aspectos sociais que almejam buscar a humanização.

Segundo Freire:

A desumanização, que não se verifica apenas nos que tem sua humanidade roubada, mas também, ainda que de forma diferente, nos que a roubam, é distorção da vocação do ser mais. É distorção possível na história, mas não vocação histórica. Na verdade, se admitíssemos que a desumanização é vocação histórica dos homens, nada mais teríamos que fazer a não ser adotar uma atitude cínica ou de total desespero. A luta pela humanização, pelo trabalho livre, pela desalienação, pela afirmação dos homens como pessoa, como “seres para si”, não teria significação. Esta somente é possível porque a desumanização, mesmo que um fato concreto na história, não é porém, destino dado, mas resultado de uma “ordem” injusta que gera violência dos opressores e esta, o ser menos (2005, p. 32).

Seria possível existir escolas sem segregação racial; mercantilização educacional; sonegação de conhecimento; desqualificação do gênero feminino entre outras perversidades da desumanização, ou, seria possível existir uma sociedade estanque à escola com tais características? Provavelmente não, pois a escola é elemento inerente de nossa sociedade.

Queremos enfatizar que, antes de “assumirmos” o lugar de alunos, ou, professores somos indivíduos de uma determinada sociedade, e nossa atuação consciente pode determinar na evolução de nosso sistema, ou, no retrocesso perverso que impede a elevação dos sujeitos, talvez o que falta para nós seres humanos seja compreendermo-nos como tais.

### **As implicações do sistema vigente no âmbito educacional**

A tomada de consciência da realidade possibilita as possíveis, necessárias e radicais transformações que devem ser feitas em nossa sociedade, é bem sabido que quando compreendemos tal realidade desvelada passamos a perceber que as fragmentações sociais são muito mais graves do que o nosso nervo ótico consegue decodificar, mas é necessário atentar que tal compreensão não resvale em desamor e\ou desencantamento pelo mundo, que esta seja o principal fator que possibilite as urgentes transformações.

Segundo Freire:

Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem sua concretização! [...] O meu discurso em favor do sonho, da utopia, da liberdade, da democracia é o discurso de quem recusa a acomodação e não deixa morrer em si o gosto de ser gente, que o fatalismo deteriora (2014, p. 77-78).

Sendo assim, nossas ações não devem estar restritas ao reduto de nossas salas de aula ou gabinetes, de modo algum devemos dizer que; “estamos fazendo a nossa parte” seria este um gesto errôneo totalmente incabível para a educação, pois a *corporificação* educacional está para além dos muros da escola, pois : “O simples acesso à escola é condição necessária mas não suficiente para tirar das sombras do esquecimento social milhões de pessoas cuja existência só é reconhecida nos quadros estatísticos” (JINKINGS, in MÉSZÁROS, 2005, p. 11).

Sonhar com uma educação que se faça humanizadora é entrar em desacordo com a sociedade, pois diante de tantas aniquilações e injustiças que somos sujeitados rotineiramente, sonhar com a possibilidade da transformação, diante de tantas contradições, é em si um ato de rebeldia.

Nossa luta deve estar voltada a fim de garantir o direito de existir para aqueles que vivem na sombra do esquecimento, ou, apenas vagam neste mundo, nossa prática educacional deve sim estar voltada e direcionada para a nossa sala de aula, mas não só para ela, como forma de humanização nossa prática deve estar voltada também para aqueles que não têm direito a quase nada, este dever é nosso, porquê. “Seria na verdade uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica” (FREIRE, 1982, p. 89).

É necessário desconstruir este paradigma falacioso no qual estamos habituados a acreditar, pois de maneira muito violenta nosso impiedoso sistema capitalista nos ensina a desprezar e atribuir à culpa do não desenvolvimento aos que não conseguem ter acesso às melhorias de sua própria existência, como se estes fossem responsáveis por sua própria desumanização. “Roubam ao povo uma liberdade atrás da outra e a opressão cresce diariamente” (MARX, 1980, p. 849). Pois permaneça a questão: quem luta pelos marginais da sociedade, quem lhes devolverá a vida que foi descaradamente saqueada pelo sistema capitalista?

A educação que mantém a sociedade tem fórmula, tem regras; basta segui-la. Entretanto, o caminho da transformação não. E, por essa razão, se faz tão complexo.

O objetivo destas reflexões não é desvirtuar a intenção da utopia, mas, sim, dizer-lhes que embora o quadro atual da educação e da sociedade não corresponde com a nossa intenção é necessário que saibamos disso, e por esta razão nossa utopia e nossas esperanças se fazem tão lúcidas.

Até mesmo, porquê:

Sem um mínimo de esperança não podemos sequer começar o embate mas, sem o embate, a esperança, como necessidade ontológica, se desarvora, se desendereça e vira desesperança que, às vezes, se alonga em trágico desespero. Daí a precisão de uma certa educação de esperança. É que ela tem uma tal importância em nossa existência, individual e social, que não devemos experimentá-la de forma errada, deixando que ela resvale para a desesperança e o desespero. Desesperança e desespero, consequência e razão de ser da inação ou do imobilismo (FREIRE, 1992, p.11).

A ação transformadora na qual acreditamos, está intimamente fundida à utopia, pois uma é inerente a outra, ou seja, não há como lutar por transformação sem ter esperança, não há como ter esperança sem lutar por transformação, o ato de ensinar requer compromisso com a humanidade, por tanto nossas ações tornam-se extremamente impactantes, o quadro atual de nossa sociedade não apresenta-se de tal forma por osmose, mas sim pela ação de mulheres e homens que construíram e constroem nossa sociedade, somos o resultado daquilo que estamos construindo.

A esse respeito, Paulo Freire nos diz que:

Uma de nossas tarefas, como educadores e educadoras, é descobrir o que historicamente pode ser feito no sentido de contribuir para a transformação do mundo, de que resulte um mundo mais “redondo”, menos arestoso, mais humano, e em que se prepare a materialização da grande Utopia (FREIRE, 2001, p. 20).

Compreendida dessa forma, devemos construir possibilidades para caminhos que resultem em transformações sociais, pois ao optar pela docência o educador torna-se também responsável pelos rumos de nossa sociedade, e tais resultados, não trazem apenas resultados para o aqui e para o agora, mas para as próximas gerações que nem sequer aqui chegaram; é por aqueles que aqui se fazem presentes e por aqueles que virão que nós educadores agiremos a fim de transformar nossa sociedade.

## Referenciais:

FREIRE, Paulo. *Ação Cultural para a Liberdade e outros escritos*. 7.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia do Oprimido*. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Política e Educação*. 5.ed. São Paulo: Cortez. 2001.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

\_\_\_\_\_. FREIRE, Ana Maria Araújo (Org.). *Pedagogia dos sonhos possíveis*. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FREITAS, Ana Lúcia Souza de. *Leituras de Paulo Freire: uma trilogia de referência*. v.1. Passo Fundo: Méritos, 2014.

\_\_\_\_\_. UTOPIA (verbetes). In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime José (Org.). *Dicionário Paulo Freire*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010, p. 412-413.

MARX, Karl. *O Capital*. 6.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich; Marco Aurélio Nogueira (Org.). *Manifesto do Partido Comunista*. 11.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

MESZÁROS, Itsván. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2005.

\_\_\_\_\_. *A Crise Estrutural do Capital*. São Paulo: Boitempo, 2011.